

ALGUMAS OBSERVAÇÕES
ACÊRCA DA INFLUÊNCIA DO INGLÊS
NO PORTUGUÊS E DO MAIOR VEÍCULO DELA
— O FRANCÊS

(Cont. do n.º 1, pag. 112)

O anglicismo aparece-nos não apenas nas grandes cidades do continente, mas inda nos meios provinciais ou rurais, e nas ilhas adjacentes — e aqui até com caracteres bastante particulares. Às nossas aldeias mais conservadoras e desafectas à novidade chegaram há muito anglicismos como *bis-pote*, de *piisspot*, têrmo do campo da decência, e *lorde* de *lord*, têrmo do campo social; e vão chegando hoje muitos outros, e tanto por via culta, como por via popular. E explica-se que assim seja, por um lado, pela extensão da escola — os lavradores de mais teres mandam os filhos para estudos que compreendem o aprendizado do inglês — e pela disseminação do jornal, cheio de anglicismos nas secções desportiva e mundana, e, por outro lado, pela emigração para a América do Norte, feita por famílias inteiras, e que no regresso são, pelo ascendente da viagem e do dinheiro, focos de desnacionalização lingüística, e tanto mais que a mania de fazer vista leva a proceder exactamente como o pedantismo elevado a que se refere Tolentino:

E balbuciará às vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes (1).

(1) *Obras completas*, Lisboa, 1861, pág. 236.

Em Faro, cidade do Algarve, há uma Alfaiataria *Smart* e em Espariz, aldeia da Beira Alta, já ouvi o anglicismo, decerto chegado por via emigratória, que não por influência culta, *cotage*, que é termo corrente, com o significado seu habitual de moradia ou vivenda independente de ar campestre, entre os portugueses que trabalham nos Estados Unidos. Vejo-o repetidamente nos anúncios do semanário — *O Popular*, publicado pelos nossos compatriotas de New-*Bedford* — onde há de longa data uma colónia açórica muito penetrada de anglicismos. Já em 1888 Henry Lang escreveu ao professor Leite de Vasconcelos uma carta em que acêrca do falar desta colónia se diz:

«... Vou dar-lhe uma pequena amostra de elementos ingleses assimilados pelos nossos colonos açorianos: *bordar* = *hospedar*; *bordo* (border) = hóspede; *bins* = feijões; *chape* (chope) = loja (ouve-se já nos Açores por influência dos ingleses); *carpete* = tapete; *chulipe* = dormindo, por exemplo «o bebé está *chulipe*»; *espalhagrace* (sparrow-grass) = asparagus; *estima* = vapor, navio (*estimas* = steamers); *frio* = constipação (ter um frio = estar constipado, tomar um *frio* = constipar-se); *gairete* (garret) = airiques, *misa* (meeting) = reunião; *nevere miude* = não importa; *dar notas* (give notice) = dar parte; *offas* (office) = escritório; *olhar* = parecer (diz-se por exemplo: esta gravata *olha* bem = this necktie looks well); *papel* = jornal; *salreis* (celery) = aipo.

V. terá já observado que em casos tais como os de *frio*, *dar notas*, *olhar*, há o que Hermann Paul, *Principien der Sprachgeschichte*, chama alteração «der innern Sprachform». Dá-se também o caso, embora seja muito mais raro, de o inglês ser alterado na boca dos açorianos por influência portuguesa. Assim, por exemplo, ouvi a uma velha dizer: *I had cabbages* (couves) *for dinner*» (1).

(1) *Revista Lusitana*, I, pág. 378-9.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES
ACÊRCA DA INFLUÊNCIA DO INGLÊS
NO PORTUGUÊS E DO MAIOR VEÍCULO DELA
— O FRANCÊS

(Cont. do n.º 1, pag. 112)

O anglicismo aparece-nos não apenas nas grandes cidades do continente, mas inda nos meios provinciais ou rurais, e nas ilhas adjacentes — e aqui até com caracteres bastante particulares. Às nossas aldeias mais conservadoras e desafectas à novidade chegaram há muito anglicismos como *bis-pote*, de *pisspot*, têrmo do campo da decência, e *lorde* de *lord*, têrmo do campo social; e vão chegando hoje muitos outros, e tanto por via culta, como por via popular. E explica-se que assim seja, por um lado, pela extensão da escola — os lavradores de mais teres mandam os filhos para estudos que compreendem o aprendizado do inglês — e pela disseminação do jornal, cheio de anglicismos nas secções desportiva e mundana, e, por outro lado, pela emigração para a América do Norte, feita por famílias inteiras, e que no regresso são, pelo ascendente da viagem e do dinheiro, focos de desnacionalização lingüística, e tanto mais que a mania de fazer vista leva a proceder exactamente como o pedantismo elevado a que se refere Tolentino:

E balbuciará às vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes (1).

(1) *Obras completas*, Lisboa, 1861, pág. 236.

Também na nossa colónia de Moçambique — mercê do contacto com ingleses dentro dela e nas vizinhanças — os anglicismos pululam, — anglicismos que a imprensa local naturalmente reflecte em tôdas as suas formas. Um exemplo semântico ministra-o o termo *atracção* neste passo do *Notícias da Beira*: «A atracção de domingo no Excelsior é a exhibição da *Jazzmania*, em que May Murray tem papel de destaque» (1).

A invasão anglicística é caracteristicamente moderna, — o que não quer dizer que não haja importações de certa antiguidade, como *lugre*, termo náutico, de *lugger*, *horsa*, termo zoológico, de *horse*, e *bispote*, termo eufémico, de *piisspot* — este apresentando a curiosidade fonética do abrandamento do *p* inicial, aliás natural à língua, como atesta, por exemplo, o caso de *bostela*, de *pustella*, por *pustula*. É, no entanto, com a escola literária romântica que o anglicismo principalmente surge. E o romântico Garrett é porventura, mesmo, o nosso escritor mais anglicizante: usava com frequência formas intactas como *toast*, e formas adaptadas como *fashionavel*. E também este escritor — aliás de requintes clássicos no dizer — emprega o anglicismo quando êle é necessário, por falta de termo na língua, e quando êle é supérfluo, por haver no idioma palavra que diz inteiramente o mesmo. As *Viagens na minha terra* ministram os indispensáveis exemplos. Seja o primeiro *flartar*, inglesismo necessário, como o autor reconhece no seguinte passo:

«O tom perfeito da sociedade ingleza inventou uma palavra que não ha nem pode haver noutras linguas, emquanto a civilização as não apurar. *To flirt*, é um verbo innocente que se conjuga alli entre os dois sexos, e não significa *namorar* — palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa *fazer a corte*; é mais do que estar amavel, é menos do

(1) Número de 14-9-926.

que galantear, não obriga a nada, não tem consequências, começa-se, acaba-se, interrompe-se, addia-se, continua-se ou descontinua-se á vontade e sem compromettimento.

«Eu *flartava*, nós *flartávamos*, ellas *flartavam*. E não ha mais doce nem mais suave entretenimento d'espírito do que o *flartar*, com uma elegante e graciosa menina ingleza; com duas é prazer angélico, e com tres é divino» (1).

Seja o segundo exemplo *desapontamento* — anglicismo desnecessario, como o autor reconhece também no passo seguinte:

«Isto não pode ser! Uns poucos de pinheiros raros e infezados atraves dos quaes se estão quasi vendo as vinhas e olivedos circunstantes!... É o desapontamento mais chappado e solemne que nunca tive na minha vida — uma verdadeira logração em boa e antiga phrase portugueza» (2).

Garrett é o próprio a notar a modernidade ou contemporaneidade da anglização, como se vê neste passo a respeito de *drawing room*, publicado num artigo intitulado *Inglês*, em que se enxergam certas preocupações etnopsicológicas:

«Aqui ha dez anos era impossivel em Portugal, impossivel talvez em França mesmo, traduzir em phrases intelligiveis para um grande numero de pessoas — ainda usando das mais rodeadas periphrases — esta mysteriosa e comprehensiva palavra *drawing-room*. Hoje está toda a Europa tam inglezada que não desespero de me fazer entender» (3).

Também os escritores que representam a transição do romantismo para o realismo e cultivaram as maneiras artisticas de ambas as escolas literárias — é o caso de Camilo

(1) II, Lisboa 1904, pág. 275.

(2) I, Lisboa 1904, pág. 32.

(3) *Obras completas*, de A. Garrett, vol. XXI, Lisboa, 1904, pág. 206.

Castelo Branco — como ainda os exclusivamente realistas — e os prosadores como Aquilino Ribeiro, do mesmo modo que os poetas, como Cesário Verde — fazem uso basto de anglicismos, em formas intactas e adaptadas.

Alguns passos elucidativos:

Dois de Camilo Castelo Branco:

Primeiro — em que se encontra *bife*, adaptação do inglês *beef*, e vem nos *Volcoens de lama*:

«Quando se assentou á meza a trincar um bife de grelha, dava facadas no prato» (1).

Segundo — em que se topa *sandwichs*, anglicismo inadaptado ou intacto, e está na *Bohemia do espirito*:

«O lombo do rei da criação perdeu bastante da sua importancia desde que os nossos irmãos anthropophagos pegaram de extrahir d'elle sandwichs» (2).

Topa-se no conto *A Revolução*, do *Jardim das Tormen-tas*, de Aquilino Ribeiro, com o anglicismo intacto *steamer*:

«... aqueles, ainda, montaram os dóceis hidro-aviões, acenderam as caldeiras dos velozes *steamers*, e abalaram, mar fora, a continuar na faina que, dia a dia, lhes restituia o glorioso tesouro das idades» (3).

E no conto — *O Malhadinhas*, da *Estrada de Santiago*, do mesmo autor, há a adaptação *horsa*, já antiga, popular, directa e necessária:

«Era pelo mês de abril, na semana da pascoela, quando se vêem pelos caminhos as garnachas dos padres, que ainda andam a cavalo de suas horsas papa-léguas, de igreja para igreja, a confessar» (4).

Como, nas *Filhas de Babilónia*, há a adaptação — *ra-*

(1) Porto, 1886, pág. 163.

(2) Porto, 1886, pág. 137.

(3) Lisboa, 3.^a ed., pág. 319.

(4) Lisboa, 1924, pág. 27.

lhe, moderna, culta, e talvez feita sôbre o francês — que adoptou *rail* e fêz *dérailer* — e não sôbre o inglês, língua que daria antes *raile* ou *railo*, estrangeirismo um tanto dispensável, pois existem entre nós os termos *calha* e *carril* — êste último a titular até em Lisboa a Companhia dos Eléctricos, oficialmente *Companhia Carris de Ferro*, e sôbre o qual se formou o verbo descarrilar, que não tem concorrente ânglico aparecido por enquanto no português:

«Assim a transporto comigo, na bulha dum comboio aceso, repleto de gente, batendo o railhe com furor» (1).

Um exemplo bem característico do uso do anglicismo em poesia está na seguinte quadra da composição *Nós*, de Cesário Verde:

À procura da libra e do *shilling*,
Eu andava abstracto e sem que visse
Que o teu alvor romantico de *miss*
Te obrigava a morrer antes de mim (2).

Na *Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro, há êste passo em que aparece o termo ânglico — *gin*:

E à força de beber o tragico veneno
Tombou por terra exhausta a humanidade, emfim,
Como em Londres, de noite, ao pé dum antro obsceno
Cae sob a lama inerte um bebado de gin (3).

Até os próprios termos ânglicos do calão nos aparecem nas obras literárias — em virtude do desaparecimento das fronteiras entre o termo nobre e o plebeu. Foi sòmente o modernismo artístico que pôs no dicionário aquele barrete frigio que Victor Hugo reclamava, sem que no entanto êsse

(1) Pág. 18.

(2) O livro de Cesário Verde, 1926, pág. 95.

(3) Ed. cit., pág. 95.

az do Verbo visse — ninguém excede o seu tempo senão em certa medida — as últimas conseqüências de tão democrático princípio lingüístico. E assim o mais vigoroso e original representante dêsse modernismo em Portugal — Aquilino Ribeiro, não duvida dar guarida ao vocábulo de viela. Eis dois passos documentativos:

Um, da *Via Sinuosa*, em que aparece *chumeco*:

«Nas baiucas silenciosas e desertas, os barbeiros, os chumecos, os adélos, perderam o ar que lhes achava de vendedores de sombra» (1).

Outro, da *Estrada de Santiago*, em que aparece *naifa*:

«Danado aquele Malhadinhas, de Barreiras, homem sobre o meanho, reles de figura, uma voz tão untuosa e um tal ar de sisudez que nem o próprio Demo o julgaria capaz de, por um nonada, crivar à naifa o abdómen de um cristão» (2).

Há obras literárias particularmente ricas de anglicismos: e são naturalmente aquelas que a êles recorrem por natural exigência de côr local, como é o caso dos livros de viagens na Inglaterra ou em países de língua inglesa, e das peças dramáticas ou dos romances que de figuras ou personagens inglesas se ocupam. Cito, no domínio do último género literário apontado, a obra de Júlio Dinis — *Uma família inglesa*, em que abundam anglicismos vocabulares, como *gentleman, meeting, toast, speech, roast beef, lunch, plum pudding, chester*, e expressionais, como *curious essence*.

Dois exemplos, em que entram alguns dos últimos anglicismos vocabulares apontados:

Primeiro — no capítulo que se intitula — *Uma manhã de Mr. Richard*:

«O *roast beef* à inglesa ou o fiambre, a mostarda, as

(1) Lisboa, 1919, pág. 88.

(2) Lisboa, 1924, pág. 71.

batatas, a bolacha, a cerveja, o queijo de consistencia pastosa forneciam tambem elementos para estes *lunchs* accomodados à robustez d'aquelle estomago saxonio» (1).

Segundo — no capítulo que se intitula — *Em honra de Jenny*:

«Nada faltou de tudo quanto possue o cunho caracteristico da cozinha britannica, desde o *roast beef* ao *plum pudding*, desde a batata ao *chester*» (2).

Um exemplo do uso da expressão anglicana *courious essence* está no seguinte passo: «Isto dizia outro, vasando meio litro de *courious essence* sobre o fino lenço de bretonha» (3).

Que é o desejo de côr local, que não peralvilhos intuitos de exhibição, que levam Júlio Dinis ao emprêgo nesta obra de multidão de anglicismos ressalta evidente de passos, como o seguinte, em que o autor, — e por estar num campo, o da medicina, que, por bem conhecido, lhe facilitava o esforço a dispendar — se mostra preocupado da busca de expressão que traduza fielmente a idea contida no termo inglês *spleen*:

«Mr. Whitestone, homem laborioso e contente do mundo, estava sempre em constante opposição ao seu compatriota e amigo, que era d'estes que teem feito adquirir aos nevoeiros de Londres a immerecida fama de fomentadores do *spleen* — fama, contra a qual principiam, com muito criterio, a protestar os homens pensadores, descobrindo antes na ociosidade favorecida por as fabulosas riquezas de alguns *lords*, a causa d'aquelle mal de suicidas.

«O aspecto de Mr. Morlays denunciál-o-hia á medicina antiga como victima d'esse mysterioso humor negro — que

(1) 14.^a ed., 1917, pág. 63.

(2) Id., id., pág. 404.

(3) Id., id., pág. 360.

batatas, a bolacha, a cerveja, o queijo de consistencia pastosa forneciam tambem elementos para estes *lunchs* accomodados à robustez d'aquelle estomago saxonio» (1).

Segundo — no capítulo que se intitula — *Em honra de Jenny*:

«Nada faltou de tudo quanto possue o cunho caracteristico da cozinha britannica, desde o *roast beef* ao *plum pudding*, desde a batata ao *chester*» (2).

Um exemplo do uso da expressão anglicana *courious essence* está no seguinte passo: «Isto dizia outro, vasando meio litro de *courious essence* sobre o fino lenço de bretonha» (3).

Que é o desejo de côr local, que não peralvilhos intuitos de exhibição, que levam Júlio Dinis ao emprêgo nesta obra de multidão de anglicismos ressalta evidente de passos, como o seguinte, em que o autor, — e por estar num campo, o da medicina, que, por bem conhecido, lhe facilitava o esforço a dispendar — se mostra preocupado da busca de expressão que traduza fielmente a idea contida no termo inglês *spleen*:

«Mr. Whitestone, homem laborioso e contente do mundo, estava sempre em constante opposição ao seu compatriota e amigo, que era d'estes que teem feito adquirir aos nevoeiros de Londres a immerecida fama de fomentadores do *spleen* — fama, contra a qual principiam, com muito criterio, a protestar os homens pensadores, descobrindo antes na ociosidade favorecida por as fabulosas riquezas de alguns *lords*, a causa d'aquelle mal de suicidas.

«O aspecto de Mr. Morlays denunciál-o-hia á medicina antiga como victima d'esse mysterioso humor negro — que

(1) 14.^a ed., 1917, pág. 63.

(2) Id., id., pág. 404.

(3) Id., id., pág. 360.

ela chama *atrabilis*. Era a variedade do inglez, que pode denominar-se escura; e a escuridade, que lhe estava em rosto, projectava-se lhe também nas disposições moraes» (1).

Também as obras em que se descreve a vida mundana — tal o caso do romance da alta roda lisboeta — *Os Maias*, de Eça de Queiroz, estão por sua vez cheias de anglicismos. Lembro-me de ter encontrado, num rápido manejo desta obra, formas anglicanas intactas como: *break, dog-cart, grog, jockey, high-life, mail-coach, punch, shake-hands, speech, spleen, ulster, whist*.

Exemplo de uma frase em que entra *dog-cart*: «Não é verdade que eu era capaz de governar o *dog-cart*?» (2).

Eça de Queiroz, depois do anglicismo intacto ou nacionalizado, emprega por vezes complementos ou adjectivos que, indicando ser característica do povo de Inglaterra a ideia nêles contida, são de algum modo uma atenuação ou fórmula desculpadora do recurso ao estrangeirismo.

Alguns exemplos:

Primeiro — de anglicismo intacto adjectivado:

«O avô prepara-lhe uma linda casa em Celas, isolada, com graças de *cottage* inglez» (3).

Segundo — de anglicismo intacto, acompanhado de complemento:

«E puxava-o já pelo seu bello *plaid* de cavalleiro de Escossia, quando a mamã acudiu aterrada» (4).

Terceiro — de anglicismo nacionalizado e complemento modal:

«Elle ameaçava boxa-la á ingleza» (5).

(1) 14.^a ed., 1917, pág. 391.

(2) Porto, 3.^a ed., pág. 95.

(3) Id., id., pág. 136.

(4) Id., id., pág. 111.

(5) Id., id., pág. 110.

Em França houve também escritores que anglizaram muito. E dos maiores importadores dêstes estrangeirismos são naturalmente os literatos de imaginação científica — como Júlio Verne, em cujas narrativas maravilhosas aparecem com freqüência formas como *steam-ship*, *mizzene-mast*, *engine-secrew*, *patent-log*.

O vocábulo ânglico aparece-nos por vezes a titular obras e capítulos delas. Um exemplo dêste último caso dá-no-lo Garrett, no *Arco de Sant'Ana*: o capítulo trigésimo segundo desta obra intitula-se *Bill-de-indemnidade*.

Muitas vezes os introductores de anglicismos definem-nos, para facilitar buscas em dicionários ao leitor desversado em linguas estrangeiras. É o que faz Garrett com o vocábulo *fender*, que aparece neste passo das *Viagens na minha terra*:

«Ou á noite com os pés no *fender*» (1) — e que tem no final da obra a seguinte nota esclarecedora:

«Fender se chama em inglez a pequena e baixa tea de metal que defende o fogão nas salas, para que não caiam brazas nos sobrados. Descançam nelle os pés naturalmente quando a gente se está confortavelmente aquecendo em liberdade» (2).

Os anglicismos mais usuais tendem naturalmente a apor-tuguesar-se, se bem que entre nós — e o caso explica-se talvez pela pretensão ou affectação portuguesa aliada ao pouco amor da língua materna — a nacionalização se não faça com a facilidade que se vê na vizinha língua espanhola, ou mesmo na italiana; escreve-se já em Portugal, por exemplo, *lanche*, *pudim*, *solipa*, respectivamente de *lunch*, *pudding*, *sleeper*, mas inda se não alusitanaram outros vocábulos como *jockey*,

(1) II, 1904, pág. 44.

(2) Id., id., pág. 306.

VOL. 76.º, N.º 2 — 1928.

Em França houve também escritores que anglizaram muito. E dos maiores importadores dêstes estrangeirismos são naturalmente os literatos de imaginação científica — como Júlio Verne, em cujas narrativas maravilhosas aparecem com freqüência formas como *steam-ship*, *mizzene-mast*, *engine-secrew*, *patent-log*.

O vocábulo ânglico aparece-nos por vezes a titular obras e capítulos delas. Um exemplo dêste último caso dá-no-lo Garrett, no *Arco de Sant'Ana*: o capítulo trigésimo segundo desta obra intitula-se *Bill-de-indemnidade*.

Muitas vezes os introductores de anglicismos definem-nos, para facilitar buscas em dicionários ao leitor desversado em linguas estrangeiras. É o que faz Garrett com o vocábulo *fender*, que aparece neste passo das *Viagens na minha terra*:

«Ou á noite com os pés no *fender*» (1) — e que tem no final da obra a seguinte nota esclarecedora:

«Fender se chama em inglez a pequena e baixa tea de metal que defende o fogão nas salas, para que não caiam brazas nos sobrados. Descançam nelle os pés naturalmente quando a gente se está confortavelmente aquecendo em liberdade» (2).

Os anglicismos mais usuais tendem naturalmente a apor-tuguesar-se, se bem que entre nós — e o caso explica-se talvez pela pretensão ou affectação portuguesa aliada ao pouco amor da língua materna — a nacionalização se não faça com a facilidade que se vê na vizinha língua espanhola, ou mesmo na italiana; escreve-se já em Portugal, por exemplo, *lanche*, *pudim*, *solipa*, respectivamente de *lunch*, *pudding*, *sleeper*, mas inda se não alusitanaram outros vocábulos como *jockey*,

(1) II, 1904, pág. 44.

(2) Id., id., pág. 306.

VOL. 76.º, N.º 2 — 1928.

«Em Portugal temos alguns Arturos, mas poucos» (1).

Bluteau regista também a forma Artur, no *Vocabulário de nomes próprios*. A respeito dela diz: «Artur he nome Inglez. Teve uso em algumas familias nobres e pouco nas communs».

Também é nome inglês Duarte, que pertenceu a um dos nossos reis-literatos, certamente por ser filho de uma inglesa. Esse nome é aportuguesamento do ânglico Edward, que também produziu Eduardo, hoje porventura mais corrente que a primeira das formas, e Duardos. Esta última encontra-se até a titular uma obra literária da transição da idade média para o classicismo: Gil Vicente escreveu a trágico-média *D. Duardos*, figura que na peça é apresentada como príncipe de Inglaterra. A infanta Olimba faz-lhe, ao entrar com êle em scena, esta pergunta esclarecedora da origem:

Cuanto tiempo ha, Señor
Don Duardos, que partistes
De Inglaterra ? (2).

Bluteau, no *Vocabulário de nomes próprios*, que vem no suplemento ao *Vocabulário Português-Latino*, fala destas três formas do referido nome ânglico *Edward* e da razão porque foi portador de uma delas o autor do *Leal Concelheiro*:

«Duarte. He nome inglez que el-rey D. Duarte de Portugal tomou de seu Bisavô, el-rey Eduardo, ou Duarte Terceiro de Inglaterra. Em livros de cavalaria se chama D. Duardo, D. Duardinhos. Adagio:

Guarte
Duarte» (3)

(1) Suplemento.

(2) II, pág. 196.

(3) pág. 27.

Há nomes próprios ingleses de importação moderna que oferecem a curiosidade de estarem aportuguesados pelo povo, enquanto o não estão ainda pelos cultos, pelo menos totalmente. *Darwin* é pronunciado à inglesa pelas pessoas cultas; o povo, porém, diz *Darvim*. Conheço o nome sob esta forma em famílias rústicas da Beira Alta. *Newton* é pronunciado à inglesa por alguns raros cultos; outros dizem *Neutône*, pronunciando à portuguesa o nome ânglico; e finalmente a gente inculta lisboeta diz *Neutão*, adaptando o referido nome próprio integralmente ao idioma.

Também de longe vem o aportuguesamento de apelidos. Camões diz *Alencastro*, correspondentemente ao inglês *Lancaster* neste verso dos *Lusiadas*:

Se vão todas ao duque de Alencastro (1).

E hoje, regressando-se um tanto, diz-se *Lancastre* — também *Lencastre* — com a simples e normal metátese do *er* final precedido de consoante — vejam-se os casos de *sempre*, de «sempre», *entre*, de «inter».

O aportuguesamento de termos comuns, por literatos, está exemplificado num passo da comédia de Camilo Castelo Branco — o *Morgado de Fafe em Lisboa*, em que aparece o termo *lanchar*, aliás muito popularizado hoje:

«Ó meninas vão *lanchar* com o sr. Morgado, e Leocadia fica por alguns momentos connosco» (2).

Também nos nossos dicionaristas se encontra o aportuguesamento de termos comuns. Em Bluteau, o patriarca do nosso moderno dicionarismo, há já *xelim*, adaptação do inglês *shilling*.

Há aportuguesamentos que tem variado, já por regressão

(1) Canto VI, est. 46.

(2) Acto II, scena 8.

à origem — caso que tem o seu paralelo em inúmeras restituições de formas evolucionadas medievais, segundo a pauta latina que o Renascimento veio pôr diante dos olhos cultos — já por influência da língua francesa — que a cada passo nos surde como medianeira no domínio da invasão anglicística. Um exemplo está nas duas aportuguesações do inglês *dog* — *dogo* primeiro, e *dogue* depois. É a forma *dogo* a única registada por Bluteau para designar o molosso inglês. Depois de lhe dar por étimo o inglês *dog*, define assim o vocábulo no *Suplemento ao Vocabulário Português-Latino*:

«Dogos são caens grandes, que se lanção a boys, e pegando não largão a preza: os bons vem de Inglaterra».

Esta forma, com a própria definição de Bluteau, autentica-o o seguinte passo de D. Francisco Manuel de Melo na *Viola de Talia*:

Não sei se vistes em fila
Dogos de fila, de Ingrez,
Que golosos das orelhas
Do boy quaes moscas do mel,
Como os brincos das lacayas
Da senhora Dona Ignez
P. ndurados dos ouvidos
Não cessam de lhos roer ⁽¹⁾.

O *Dicionário* de Frei Domingos Vieira arquiva já as duas formas *dogo* e *dogue*, com os diminutivos *doguezinho* e *doguinho*, — circunstância que marca o período de concorrência ou de transição para a forma única, igual à francesa. Efectivamente é já a forma *dogue* que exclusivamente regista o dicionarista Cândido de Figueiredo.

Esta forma triunfante — *dogue*, se está mais perto foneticamente do inglês *dog*, a verdade é que é nacionalização

⁽¹⁾ *Romance* 31, pág. 218, col. 1.

mais artificial: o *o* é característica do masculino, se bem que o *e* não deixe de ser até certo ponto freqüente em nomes do mesmo género — sobretudo posverbaes — e haja certa tendência dialectal em substituir por *e* o *o* final, aliás foneticamente menos distantes um do outro do que a grafia pode fazer supor. E por outro lado tal nacionalização é idêntica à francesa *dogue*, — pelo que a hipótese de mais uma influência dêste idioma não é para desconsiderar. Efectivamente temos *dogue* neste verso da poesia *L'écolier* de M.^{me} Desbordes Valmore:

Un dogue l'observait du seuil de la demeure (1).

exactamente como neste passo do conto *O malhadinhas*, da *Estrada de Santiago*, de Aquilino Ribeiro:

«E, Aveiro vai, Aveiro vem, no officio de almocreve, os olhos sempre frios mas sem malicia, só as mandibulas de dogue a atraçoar o bom-serás, as suas façanhas deixaram eco por toda aquella corda de povos que muitos anos recorreu» (2).

Em matéria de nacionalização aproximamo-nos um tanto do francês, que nacionaliza relativamente pouco, não dando ouvidos a delicadíssimas sensibilidades artisticas, como a de Remy de Gourmont, que, na *Esthétique de la langue française*, propôs, sem que até hoje fôsse ouvido, o afrancesamento de muitos anglicismos.

Alguns apenas, a título exemplificador:

1) Casos em que o afrancesamento consiste no simples acréscimo de um *e* final:

Clube, por *club*, terminação semelhante à de *tube*; *lunche*, por *lunch*, terminação semelhante à de *embrunche*; *stope*,

(1) *Poésies*, II, Paris, 1830, pág. 89.

(2) Ed. cit., pág. 71-72.

por *stop*, terminação semelhante à de *chope*. *Snobe*, por *snob*, terminação semelhante à de *robe*.

2) Casos em que o afrancesamento, sendo simplesmente final, requiere, no entanto, acrescento doutros sinais gráficos além do *e* mudo: *grogue*, por *grog*, semelhantemente à terminação de *dogue*, também anglicismo, pois provém de *dog*.

3) Casos em que o afrancesamento, sendo ainda simplesmente final, requiere, além do *e* mudo, modificações de sinais gráficos: *stoque* por *stock*, terminação semelhante à da palavra *toque*;

4) Casos em que há modificações em mais que um ponto do vocábulo: *higuelife*, por *highlife*, com terminação semelhante à de *calife*; *fivocloque*, por *five ó clock*, com terminação semelhante à de *colloque*; *spline*, por *spleen*, com terminação semelhante à de *discipline*; *smoquine*, por *smoking*, com terminação semelhante à de *molesquine*; *groume*, por *groom*, com terminação semelhante à de *doume*.

Remy de Gourmont, além de propor estes afrancesamentos, insurge-se contra certas formas abstrusas e injustificáveis, como *bifteck* — que deveria ser *bifetèque*. Convém notar que a forma, já em francês abstrusa e injustificável, corre também entre nós, ao lado do bom aportuguesamento *bife* e havendo provocado o destêrro definitivo da originariamente inglesa *beefsteak*.

Creemos que o grande princípio em matéria de estrangeirismos, sempre que não é possível recorrer a têrmo nacional que os traduza com suficiente rigor ou propriedade, é a nacionalização preconizada por Remy de Gourmont para o francês, e que para a língua portuguesa tem sido aconselhada também por alguns dos mais bem orientados veladores da sua pureza e formosura. O gentil espírito dêsse lusitaníssimo brasileiro que é Mário Barreto exprime-se assim, numa das

saúdáveis crônicas do livro — *Através do dicionário e da gramática*:

«A não se reduzem literalmente os vocábulos estrangeiros — quando se usam como tais, o único lícito — quando não se pode, não se quer ou não se sabe traduzi-los com propriedade — consiste em os aportuguesar em harmonia com a sua pronúncia» (1).

Podia acrescentar-se que este aportuguesamento consiste em escrever os vocábulos ânglicos quais os pronunciam, não os letrados, mas o povo inculto — o operário como o aldeão — problema este que, se surge pouco quando o termo entra por via oral, nos aparece largamente quando o termo vem por via gráfica.

Para o anglicismo se tornar um bem comum é necessário, que tenha a estrutura do falar comum — e essa só é capaz de lha imprimir, o adaptador que saiba ouvir e imitar o vulgo sem letras estrangeiras.

Filinto Elisio procurou meter-se tanto quanto possível dentro destes princípios, e assim fêz, por exemplo, de *my lady* o aportuguesamento *miledi* — a que talvez se possa ainda assim notar o senão ilógico de se subordinar à grafia no primeiro elemento — *my*, enquanto se subordina à pronúncia no segundo — *lady*.

No entanto na língua popular há também — embora cada aspecto apareça insuladamente — a subordinação à grafia e à pronúncia: ao lado de *solipa*, de *sleeper* — certamente termo lançado pelos engenheiros ferro-viários — em que se respeita a articulação inglesa, há *milorde*, que é formação pautada pela escrita.

Que importa aportuguesar é, pois, coisa que se deve ter por sem dúvida. E com o inglês tal prática é, por ventura, inda mais necessária que com o francês ou qualquer outra

(1) *Obra citada*, pág. 119.

das línguas românicas influentes no português — e, menos pela sua abundância vocabular em certas tecnologias, como a desportiva, que pelo desconhecimento que geralmente se tem entre nós dêsse idioma, aliás ainda, para maior perturbação, de sistema gráfico e de sistema fonético distantísimos — o que produz verdadeiros duplos, como nos casos de *saide-car* e *sidecar*.

O máximo de nacionalização vocabular de um estrangeirismo está nos casos em que êste sofre a acção da etimologia popular — aquela etimologia que Gilliéron⁽¹⁾, com uma sagacidade que a sua postura mental de demolidor às vezes prejudica, mostrou ser para o comum das pessoas, tão viva e significativa quanto é morta e opaca a etimologia erudita.

É natural que tal etimologia se encontre em *balastro*, do inglês *ballast*, palavra designativa da brita permeável da via férrea, por a semelhança fonética e certa concordância semântica levarem a pensar em lastro, — se bem que se pudesse ter chegado até ela directamente, através da evolução que o próprio termo *lastro* apresenta. A origem de *lastro* está no germânico *last*, que adquiriu o *r* parasitário que vemos em *mastro*, de *mast*, também termo germânico, e que entre nós foi primeiramente *masto*, como se vê nos autores clássicos. Tal *r* parasitário é aliás freqüente em palavras da língua popular: exemplificam o facto formas como *listra* e *bonecro*, muito vulgares no vulgo de Lisboa.

Algumas línguas românicas procedem, no que respeita a *lastro*, semelhantemente ao português: tal o caso do espanhol, cuja forma correspondente é *lastre*, e do catalão, cuja forma correspondente é *llastre*. Outros idiomas neolatinos

(1) *La faillite de l'étymologie phonétique.*

conservam, porém, formas mais vizinhas do étimo, como se vê no italiano *lasto* e no francês *laste*.

Noutros domínios de actividade temos também etimologias populares: uma das mais características é o termo náutico *palhabote*, do inglês *pilot-boat*.

Também do inglês *breakfast* os cozinheiros fizeram *brequefesta*, que se encontra registado por Cândido de Figueiredo, no seu *Dicionário*, com o sentido de «festa em que se come muito, comezaina, pandega», sentido para que a etimologia popular deve ter contribuído de algum modo, apesar do significado inicial ser já de refeição. O termo aparece no seguinte passo da *Estrada de Santiago*, de Aquilino Ribeiro, com significação apontada pelo dicionarista: «Não foi difícil ao sr. Abade Sá, que era amigo, provar a minha pouca ou nenhuma culpa no brequefesta de Segões» (1).

Inda no campo culinário há um mólho chamado *mólho correio*, em que esta última palavra representa o inglês *curry*, pelo processo da etimologia popular: ao nome *curry-powder*, que na cozinha inglesa designa certa mistura de especiarias da Índia empregada em temperos, corresponde efectivamente aquela designação na cozinha portuguesa.

Outra etimologia popular — esta do campo agronómico — está em *mil-e-um*, nome por que nas aldeias o povo iletrado designa a doença das vinhas habitualmente chamada *mildium* nos jornais. Esta forma, que, lida como palavra aguda, facilitou a interpretação do vulgo, suponho-a aliteramento científico do termo inglês *mildew*, que em português se deve rigorosamente transliterar *mildio*.

No tempo das invasões francesas o general aliado Lord Wellington era para o vulgo Lorde Valentão. Castilho, nos *Mil e um mistérios*, apresenta uma etimologia popular inteiramente paralela a esta: o nome próprio interpretado é o

(1) Ed. cit., pág. 136.

de *Lord Byron*, que, lido à portuguesa, leva a pensar no termo *beirão*, se bem que menos facilmente que *Wellington* lido à portuguesa levaria a pensar na palavra *valentão*. Êste último tinha a seu favor as circunstâncias concomitantes: era nome de um general forçado ao destemor pelo próprio pôsto; era enviado por uma nação tradicionalmente poderosa, e era grato — e até de bom agoiro para aqueles que vinha auxiliar — que êle fôsse decidido e ousado.

Eis o passo de Castilho, em que aparece a etimologia popular Lorde Beirão: «E contou-me a historia de um vampiro, feita por um inglês doido que esteve na Grecia, chamado (parece que me disse) o Lorde Beirão» (1).

O calão da guerra apresentou várias etimologias populares de nomes ânglicos: os nossos soldados chamavam *Luisa* à metralhadora leve, e que provinha do primeiro elemento de *lewis-gun*, e à metralhadora pesada, em inglês *machin-gun*, chamavam por sua vez coisa que anda à roda do mesmo fenómeno lingüístico — *muchingona*. Em *verga-lhaites*, por *very-lights*, há o mesmo processo de etimologia popular, mas manejado conscientemente, como no caso em que se diz *substibruto* por *substituto* ou *baixo e reles* por *bacharel*.

O calão lisboeta apresenta-nos por sua vez a expressão *bico-aite*, do imperativo inglês *be quite*, porém, não intimando quietude de movimentos, mas paralização de voz, pelo que nela deve ter semânticamente influído a frase *bico calado*.

Etimologias populares em palavras e expressões inglesas apresentam-no-las também as outras línguas. O francês, por exemplo, tem o termo náutico *beaupré*, de *bowsprit*, e a expressão *jeu de l'âne salé*, de *game of aunt Sally*.

Também os jardineiros franceses chamam à rosa — *Harry*

(1) Lisboa, 1907, I, cap. 12, pág. 100.

cower — *haricot vert*, semelhantemente aos nossos que fizeram de outra — a *Paul Neyron*, *rosa-palmeirão*.

Há inda o caso da etimologia popular nos chegar em segunda mão: é o que se vê em *contradança*, do francês *contre-danse*, que é falsa interpretação do inglês *country danse*. Estes casos em que se importam de línguas estranhas vocábulos que são etimologias populares de nomes originários de outro idioma dão-se uma ou outra vez: o fruto *mala aethiopica*, em português — *tomates*, chamado *pomi dei mori*, à letra, maçãs dos mouros, pelos italianos, foi mercê de uma etimologia popular, *pommes d'amour*, à letra, maçãs de amor, para os franceses (o empregar-se no português o nome de tal fruto como metáfora eufêmica no domínio da decência podia de algum modo sugerir a existência de visão semelhantemente no francês — coisa que as circunstâncias não justificam) e foi esta etimologia popular que depois originou, por tradução imediata, os nomes inglês e alemão do produto hortícola referido, respectivamente *loveapples* e *Liebsapfel*. Pelo processo da etimologia popular, porém usado conscientemente, fazem-se às vezes gracejos ou sátiras: tal é o caso de *boi-de-chicote* por *boy-scout* — interpretação facêta, que, pelo que tem também de contundente, nos indica que vemos com pouca simpatia o sistema educativo de Baden-Powell.

Na pena dos escritores aparecem também de vez em quando estas facécias sugeridas pela falsa etimologia de estrangeirismos. Um exemplo está na seguinte nota, aposta ao livro — *A Formosa Lusitania* de Catarina Carlota Lady Jackson, por Camilo Castelo Branco:

«*Lady shocked* traduzirei sempre *senhora chocada*; e, quando ella fôr muito rabugenta não duvidarei chamar-lhe *choca*» (1).

Pode assinalar-se aqui também a curiosidade lingüística

(1) Pôrto, 1887, pág. 73, nota.

do hibridismo facêto que é *auto-butes*, usado na expressão — *ir de auto-butes*, que significa *ir a pé*, e em que se encontra o elemento grego de automóvel, ao lado do anglicismo *butes*, de *boot*, *bota*, que substituiu, — supomos esta a hipótese mais aceitável, — o elemento latino *movel*, um tanto à semelhança do que acontece na expressão *andar a ca-burro*, (melhor seria — para não fazer desacerto bem maior que o que quer emendar-se — *andar a burro*) com que se pretende corrigir a catacrese *andar a cavalo num burro* — sem ver que *a cavalo* aí significa apenas a postura bifurcada que se toma sôbre o animal mais característico e nobre do transporte montado.

Podia também apresentar-se como origem para *auto-butes* a palavra *autobus*, com a deformação facêta que se encontra em *em botas* por *embora*, na expressão — *vou-me em botas*, em *iscas* por *isto*, na expressão — *nada de iscas* — porém o desuso entre nós da palavra *autobus*, por um lado, e a existência, por outro, de formações em que *auto* se alia com um nome (caso de *auto-lata*, que é designação correntia dos automóveis da marca *Ford*) levam-nos a rejeitar a segunda hipótese em benefício da primeira.

No que respeita a anglicismos vocabulares falta ainda, entre outras coisas, notar a seguinte: categorias gramaticais por que se repartem. Pode observar-se que êles são normalmente nomes — substantivos, em primeiro lugar, adjectivos depois. O substantivo comum, e o simples como o composto, é em verdade bastante freqüente: ao lado de formas simples intactas como *whist*, e adaptadas ao idioma como *ponche*, de *punch*, há formas compostas, intactas como *lock out* e adaptadas ao idioma como *araruta*, de *arrow-root*: O substantivo próprio é mais raro que o comum: mas também existe na forma intacta e na adaptada, factos de que demos atrás exemplos. Um mais é *Jorge*, popularmente *Jorze*,

do hibridismo facêto que é *auto-butes*, usado na expressão — *ir de auto-butes*, que significa *ir a pé*, e em que se encontra o elemento grego de automóvel, ao lado do anglicismo *butes*, de *boot*, *bota*, que substituiu, — supomos esta a hipótese mais aceitável, — o elemento latino *movel*, um tanto à semelhança do que acontece na expressão *andar a ca-burro*, (melhor seria — para não fazer desacerto bem maior que o que quer emendar-se — *andar a burro*) com que se pretende corrigir a catacrese *andar a cavalo num burro* — sem ver que *a cavalo* aí significa apenas a postura bifurcada que se toma sôbre o animal mais característico e nobre do transporte montado.

Podia também apresentar-se como origem para *auto-butes* a palavra *autobus*, com a deformação facêta que se encontra em *em botas* por *embora*, na expressão — *vou-me em botas*, em *iscas* por *isto*, na expressão — *nada de iscas* — porém o desuso entre nós da palavra *autobus*, por um lado, e a existência, por outro, de formações em que *auto* se alia com um nome (caso de *auto-lata*, que é designação correntia dos automóveis da marca *Ford*) levam-nos a rejeitar a segunda hipótese em benefício da primeira.

No que respeita a anglicismos vocabulares falta ainda, entre outras coisas, notar a seguinte: categorias gramaticais por que se repartem. Pode observar-se que êles são normalmente nomes — substantivos, em primeiro lugar, adjectivos depois. O substantivo comum, e o simples como o composto, é em verdade bastante freqüente: ao lado de formas simples intactas como *whist*, e adaptadas ao idioma como *ponche*, de *punch*, há formas compostas, intactas como *lock out* e adaptadas ao idioma como *araruta*, de *arrow-root*: O substantivo próprio é mais raro que o comum: mas também existe na forma intacta e na adaptada, factos de que demos atrás exemplos. Um mais é *Jorge*, popularmente *Jorze*,

Esta tipossemia encontra-se mesmo a designar uma obra literária portuguesa. Ramalho Ortigão publicou no Pôrto em 1887, com o título *John Bull*, uma obra em que se estudam aspectos da vida e da civilização inglesa, e em que, como é natural, os inglesismos abundam.

Ai se vêem, por exemplo, *lunch, spleen, season, stick, parlour, tub, overcoat, select, plaids, noblemen, policemen, horse-woman, gentleman-farmer, grill-room, horse-guard, tea-party*. Certos anglicismos são às vezes nesta obra também acompanhados de tradução, como se vê no seguinte passo: «quando nos dignamos de ir banquetear-nos em sortida dominical ao *privat bar* (em português *retiro dos pacatos*) da Perna de Pau ou da Rabicha» (1).

Além do substantivo, aparece uma ou outra vez o adjetivo. São exemplos — *fashionavel*, que é aportuguesamento incompleto, só terminal, do inglês — *fashionable*, e *smart*, que, com o sentido de fino e distinto, é agora anglicismo intacto muito vulgar nas secções mundanas das gazetas.

Um exemplo do adjectivo *fashionavel* está no seguinte passo das *Viagens na minha terra*, de Garrett:

«Passamos á igreja da Alcaçova, que achamos já fechada; e tomando sempre sôbre a esquerda, fomos pelo que hoje parece uma azinhaga de entre quintas, mas que visivelmente foi noutras eras a rua mais *fashionavel* desta vila cortezan» (2).

O verbo é já raríssimo: serve de exemplo de inglesismo no dominio desta categoria gramatical, *desapontar*, de *to disappoint*, já perfeitamente nacionalizado, e que se emprega hoje largamente com o significado originário de iludir na expectativa ou nos desejos. Garrett apresenta nos seus livros com

(1) Pág. 34.

(2) Lisboa, 1904, II, pág. 197-8.

frequência tal verbo ânglico. Um exemplo das *Viagens na minha terra*:

«Vou desapontar de certo o leitor benevolo» (1).

Há também verbos, que, sendo em português anglicismos, provêm, não de palavras inglesas da mesma categoria, mas de nomes ânglicos importados. Tal o caso de *warrantar*, formado sobre o substantivo *warrant*, que na origem é o francês *garant*, e *boycottar*, formado sobre o substantivo *boycott*, na origem nome pessoal de certo irlandês, que foi a primeira vítima do sistema.

Há também uma interjeição — muito em voga hoje no domínio mundano e desportivo, para traduzir alegria, aplauso ou incitamento — *hurrah*, assim grafado normalmente, se bem que *hurra*, sem *h* final, seja em português forma melhor de escrita, — não, porém, inda a melhor de tôdas, que é *urra* — já porque se coaduna mais estreitamente com a simplicidade do nosso actual sistema gráfico, já porque ela própria aparece no idioma inglês, tendo sido arquivada pelos dicionaristas.

O francês tem também *hourra!*, que a Academia admitiu em 1835.

Às vezes esta exclamação *hurrah!* é precedida de outra apresentada binária ou ternariamente: *hip*, que serve para chamar ou pedir atenção.

Três passos dos *Maías* de Eça de Queiroz, em que as várias formas nos aparecem:

Primeiro — em que *hurrah* aparece solitariamente:

«Carlos quis gritar hurrah» (2).

Segundo — em que *hurrah* vem precedido das exclamações de atenção *hip! hip!*:

«À saude do amigo Cliford! o primeiro sportman da península, e rapaz cá dos nossos! Hip, hip, hurrah!» (3).

(1) Lisboa, 1904, I, pág. 21.

(2) Ed. cit., pág. 97.

(3) Id., id., pág. 484.

Terceiro — em que as exclamações de atenção são de tipo ternário:

«À saude de Carlos da Maia, o primeiro elegante cá da Pátria!, a melhor mão de rédea... Hip, hip, hurrah!

— Hip, hip, hip... hurrah!» (1).

Uma das mais raras importações inglesas é a constituída por locuções estereotipadas, de maior ou menor extensão, introduzidas, entre outras vias, pela mundana e desportiva.

É um exemplo da espécie mundana *five ó klok tea*, que se abrevia normalmente em *five ó clock* na conversação. A guerra trouxe-nos também a expressão *no man's land*.

A abreviação de expressões anglicanas que são unidades semânticas dá-se com certa frequência. Assim *struggle for life* é apenas *struggle* na conversação e sob a pena de muitos escritores. Fialho de Almeida emprega a forma reduzida no seguinte sumário de um capítulo dos *Gatos*: «Caracteres do *struggle* moderno: na vida não ha logar para os tipos intermédios» (2).

Aquelas expressões ânglicas *five ó clock* e *no man's land* levam ainda à consideração de um outro tipo de anglicismos — os de tradução literal de coisas ou ideas inglesas, por palavras portuguezas, ou mais rigorosamente — neologismos portuguezes tradutores de coisas ou ideas inglesas — como é o caso das unidades semânticas *chá das cinco*, e *terra de ninguém*, que no nosso idioma representam as referidas expressões anglicanas.

Há ainda, fronteiros a estes, outros anglicismos que parecem formações portuguezas — visto haver na lingua radicais e sufixos que lhes imprimem essa aparência. Tal o caso de *abolicionista*, em francês *abolitionniste*, formas provenientes

(1) Ed. cit., pág. 484-5.

(2) III vol., Lisboa, 1911, pág. 31.

ambas — a portuguesa pode ter sido ajudada da francesa — do ânglico *abolitionist*, termo que os Estados Unidos divulgaram no sentido de partidário da abolição da escravatura. O haver em português *abolir* e *abolição*, do latim *abolere* e *abolitione*, e o sufixo *ista*, designador de agente — não impede que fôsse o termo inglês que fizesse surgir — e neste caso dentro de um molde que tem bastante de comum — o vocábulo supracitado.

Curioso ainda por ser apenas de tradução parcelar dos elementos constitutivos é o exemplo de *tranvia*, de *tramway*, que também se encontra no espanhol e no italiano. A forma *tranvia* não tem, porém, quasi nenhuma vida em Portugal: o povo diz *trama*, adaptação de *tramway*, palavra que, do mundo dos transportes, passou já para a linguagem geral, e refazendo o género pela terminação. *Trama* é hoje sinónimo de coisa reles, ao menos no calão lisboeta, porque o comboio chamado *trama* é o mais lento e ordinário, equivalendo ao que em calão ferro-viário também se denomina *comboio-piolho*, elipse mais incisiva de *comboio do piolho*. Diz-se em Lisboa a cada passo *um fato muito da trama*, por um fato vil de qualidade ou estragado do uso; e ainda na gíria de viela da mesma cidade *mulher da trama* equivale a prostituta.

Cumprê inda notar que certos anglicismos contribuíram para a existência de duplos ou convergentes lingüísticos no português: trama, que acabamos de examinar, veio encontrar-se com o vocábulo tradicional muito em voga — trama, — esqueço o termo antiquado designador de doença — no sentido de urdidura, intriga.

A guerra, por sua vez, trouxe a máquina de destruição chamada *tank*, que portuguesada em tanque, virá confluir gráficamente, como já concorre foneticamente, com o nosso vocábulo tradicional *tanque*, grande reservatório de líquidos.

Talvez em certa maneira, porém com alguma reserva, se possa considerar ainda anglicismo o emprêgo de frases este-

reotipadas em função adjectival, como acontece com: *ter um ar tem-te-não-caias*. O caso é contrário à índole do português como à das outras línguas românicas, sem que no entanto deixe de haver frases fixas ou proverbiais com alguma coisa de análogo. Cito, por exemplo, a locução superlativa de carinho: *é o seu ai-jesus-onde te porei*.

António Ribeiro Chiado, no *Auto das Regateiras*, tem a expressão *por dá cá aquela palha*, que inda hoje se ouve em frases como: — *perde a cabeça por dá cá aquela palha*. Eis o passo do dramaturgo da escola de Gil Vicente:

Eu lavar e esfregar,
varrer e esfolinhar,
e por dae-me cá aquela palha (1)

E Aquilino Ribeiro, na *Estrada de Santiago*, apresenta vários exemplos dêste tipo de expressões de valor adjectival.

Primeiro — em que aparece *ar tão não-te-rales*:

«Dois molossos, de grande arcadura, velavam na alameda, mas com um ar tão não-te-rales e olhos tão meiguiceiros que dois monges a malucar nas vaidades do mundo não seriam mais mansarrões» (2).

Segundo — em que aparece *meio de tu-cá-tu-lá*:

«Mas alem de ignorar o meio de tu cá tu lá e as suas prendas de sociedade serem poucas ou nenhuma para senhores e senhoras tão perliquitetes em burgo madraçando á flor dos mundos civilizados, estava assente em seu animo continuar á beira da noiva e irmã a sombra tutelar do sacerdote» (3).

Terceiro — em que aparece *rosto benza-te-Deus*:

«... raparigaça, como poucas, apetedora de legitima

(1) *Obras*, ed. de Alberto Pimentel, pág. 52.

(2) Lisboa, 1924, pág. 280.

(3) Id., id., pág. 328.

e de presença, trunfa preta sobre um rosto benza-te Deus, grande cantarina de serões e de romarias, e tão guapa em seu amanho, como videira no governinho da casa» (1).

Quarto — em que aparece *santantoninho por quem sois*:

«O padre é o vosso santantoninho por quem sois» (2).

A respeito dêste tipo de expressões, no francês, observa Nyrop: «Une phrase figée ne s'emploie presque jamais en français comme adjectif. Il en est autrement de l'anglais, comme le montrent les exemples suivants: *With an I-turn-the-crank-of-the universe air* (Lowell). *A little man with a say-nothing-to-me sort of countenance* (Dickens). *A she-won't sort of little person* (Meredith)» (3).

Podia notar-se mais que há anglicismos por assim dizer gerais, isto é comuns a tôda, a vasta parte do orbe em que se fala a língua portuguesa, anglicismos nacionais, isto é, que surgem apenas em Portugal, ou apenas no Brasil, e ainda anglicismos locais — que tão sòmente aparecem, por exemplo, nas ilhas adjacentes, como é o caso de *reque*, de *rake*, e outros atrás apontados. Um anglicismo meramente brasileiro é *bonde*, de *bond*, designador do carro eléctrico na grande república de além-mar.

E inda podia finalmente observar-se que ao lado de anglicismos de vida dilatada e forte os há de vida frágil e efêmera, que só raríssimas vezes ocorrem, ou só aparecem mesmo neste ou naquele autor, e ainda assim, quasi sempre esclarecidos imediatamente, ou em nota de fim de página ou de fim de obra. Dois exemplos, ambos de Garrett, e cada um de sua espécie:

Primeiro — do *Arco de Sant'Ana*, em que apresenta *smak*:

«D'ahi, empinou o possante vaso a mais de meio, dando

(1) *Obras*, ed. de Alberto Pimentel, pág. 77.

(2) *Ibidem*, pág. 80.

(3) *Grammaire historique de la langue française*, III, Copenhague, 1908, § 579, 2.º nota.

aquelle estalido com a lingua no céu da bocca, que os inglezes, por mui feliz onomatopêa, chamam *smak*, disse pausamente» (1).

Segundo — das *Viagens na minha terra*, em que apresenta *old sack*:

«e sobre a banca o crystal antigo de um bom copo lapidado a luzir-me alambreado com os doces e perfumados resplendores do *old sack*».

Expressão ânglica que no fim da obra o autor precisa com a seguinte nota definidora:

«Tem-se disputado muito sobre qual seja a bebida espi-rituosa celebrada por Shakespeare tantas vezes com este nome. A opinião mais aceita é que fosse boa e velha aguardente de França» (2).

Entrando no domínio gramatical propriamente dito, há também um certo número de considerações a fazer sobre anglicismos. Veremos sucessivamente os aspectos fonético, mórfico, sintáxico e semântico — aliando ao primeiro destes também o gráfico.

Foneticamente o que mais importa focar são os aspectos que a pronúncia dos anglicismos não nacionalizados entre nós apresenta. Atentemos nos mais importantes deles — e distinguindo naturalmente entre a pronúncia culta e a popular, esta muito mais una que aquela. Os cultos pronunciam os anglicismos de duas maneiras: à inglesa — é a pronúncia dos verdadeiros cultos; e à francesa — é a pronúncia dos modestamente cultos, ou, pelo menos, mediocrementemente versados em problemas lingüísticos, ou desinstruídos no inglês.

Assim *side-car* é pronunciado pelos cultos *saide car* e

(1) II, Lisboa, 1904, pág. 306.

(2) II, Lisboa, 1904, pág. 44.

pelo vulgo sem línguas — *sidecar*. Já ouvi uma vez a um criado de garagem *saidecarro*, infiltração culta, com seu quê talvez de etimologia popular: qualquer coisa, porventura, como *sai-de-carro*. Também o *carbarn* da Companhia dos Eléctricos de Lisboa é para o respectivo pessoal menor ordinariamente *carr'-bar*, porventura interpretado como o *bar dos carros*, e também *carr'-barro*, porventura interpretado como o *bairro dos carros*, visto que a redução de ditongos é freqüente no nosso idioma — note-se, por exemplo *Barro Alto* por *Bairro Alto*, forma muito freqüente no polimorfo vulgo de Lisboa.

Ainda tenho ouvido ao povo inculto pronunciar *iguelife* a palavra inglesa *High-life*, que titula até uma chapelaria lisboeta. Além desta forma vinda por via escrita há também no vulgo a forma *ai-laife*, vinda por via oral, e que deixa também a impressão de possuir qualquer coisa de etimologia popular: pelas circunstâncias concomitantes — tonais, inflexivas, gesticulatórias — que a acompanham, parece que aquele termo composto tem para o vulgo carácter de algum modo transparente, equivalendo a qualquer coisa como — *ai! que paródia!* ou *ai! que pagode!*

Há, porém, anglicismos que quasi têm uma só pronúncia em curso — e essa não é nem a inglesa nem a portuguesa: tal o caso de *record*, pronunciado à francesa — *recór* e ainda de *sport*, pronunciado francesamente *spor*, por quasi toda a gente — a culta, como a de modestas letras; apenas um ou outro raro individuo sem línguas que a recebe pela via dos jornais diz *recorde*. Ela é mesmo comumente, quando grafada, portadora de acento agudo no *e* da sílaba inicial — acento que não tem em francês, mas que aí se põe por analogia com outras palavras francesas, como *récolte*, *réduction*, *réforme*.

O que se dá com os termos ânglicos dá-se com os de outras línguas. O termo alemão *landau*, no sentido de

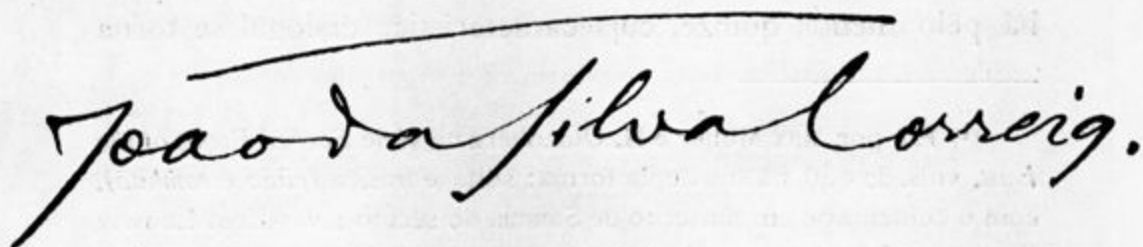
carruagem — por uma metassemia vulgar de aplicação do nome do local ao do objecto ou produto nêle fabricado — é communmente pronunciado à francesa — *landô* e até apparece grafado *landeau* não raro, por a terminação — *eau*, homófona de *au*, ser freqüente em vocábulos dêste idioma.

A forma *landeau*, apparece no seguinte passo de Camilo Castelo Branco :

«Para as pecadoras vivas — a ignominia, os circulos todos do inferno social. Para as pecadoras, punidas pela mão que as acariciára — o espectáculo das carpideiras de *landeau* e *breack* às portas dos templos, a oração, a missa, a sacrilega aliança da piedade com o odio, os resplendores eternos mediante a recomendação de tais patronas — validas do ceo» (1).

Em contraposição, outros anglicismos têm por assim dizer três pronúncias em curso. Um caso exemplificador está em *Garrett*, pronunciado à inglêsa *Garrett*, com acento na primeira sílaba por alguns raros cultos, pronunciado à portuguesa *Garréte*, pela maioria da gente de letras e línguas, mas também pronunciado *Garré* por outros indivíduos que possuem diplomas de escolas superiores, das próprias Faculdades de Letras até, e que não reparam sequer que estão lendo à francesa um nome a que o duplo *t* final immediatamente nega tal origem.

(Continua).

A large, elegant handwritten signature in dark ink, reading "João da Silva Correia". The signature is written in a cursive style with a long horizontal flourish above the name.

(1) *Correspondência epistolar*, I, Lisboa, 1913, pág. 10.